

## Morro da Conceição:

Território de (re)existência da cultura negra na cidade do Recife<sup>1</sup>

*Sebastião Alves da Rocha<sup>2</sup>*

*Maria Emília Vasconcelos dos Santos<sup>3</sup>*

**Resumo:** O Morro da Conceição é um bairro localizado na zona norte da cidade do Recife, possui grande visibilidade em virtude do monumento de Nossa Senhora da Conceição, que atrai inúmeros/as fiéis e devotos/as durante todo o ano. Para além do universo religioso católico, o Morro da Conceição, assim como toda a periferia da cidade, possui expressivo percentual de população negra. O fato de ser um espaço habitado por maioria de negros/as possibilitou o surgimento de diversos grupos culturais, espaços de lazer, sociabilidades e de enfrentamento ao racismo e as mais diversas dificuldades enfrentadas pela população negra. O texto ora apresentado, objetiva evidenciar o Morro da Conceição como um território negro e de práticas da cultura negra na cidade do Recife. Como metodologia foi realizado um mapeamento do bairro para identificar a presença de elementos que corrobore com essa tese. Através deste estudo identificamos vários espaços e movimentos que podem ser considerados como elementos do que se convencionou chamar de território negro, logo, podemos afirmar que o Morro da Conceição de Recife é um território cultural negro.

**Palavras-chave:** Morro da Conceição; Cultura Negra; Recife; Território Negro; Quilombo Urbano

**Abstract:** Morro da Conceição is a neighborhood located in the northern part of the city of Recife and has great visibility due to the monument of Nossa Senhora da Conceição, which attracts countless faithful and devotees throughout the year. Besides the Catholic religious universe, the Morro da Conceição, as well as the entire outskirts of the city, has an expressive percentage of black population. The fact that it is a space inhabited by a majority of black people has enabled the emergence of several cultural groups, leisure spaces, sociability and confrontation of racism and the most diverse difficulties faced by the black population. The text presented here aims to highlight Morro da Conceição as a black territory and a territory of black cultural practices in the city of Recife. As a methodology we conducted a mapping of the neighborhood to identify the presence of elements that corroborate this thesis. Through this study we identified several spaces and movements that can be considered as elements of what is conventionally called black territory, so we can affirm that the Morro da Conceição in Recife is a black cultural territory.

**Keywords:** Morro da Conceição; Black Culture; Recife; Black Territory; Urban Quilombo

---

<sup>1</sup> Este texto é o desdobramento da dissertação de mestrado “ Movimento Raízes de Quilombo: história, cultura e resistência negra no Morro da Conceição, Recife-PE (1982-2002)”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura Regional da Universidade Federal Rural de Pernambuco em 2021.

<sup>2</sup> Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos (Pós Afro/UFBA). Mestre em História (UFRPE). Especialista em História e Cultura Afro-brasileira e Africana (NEAD/UESPI). Pesquisador associado ao Núcleo de Estudos e Pesquisas em História e Memória da Escravidão e do Pós-Abolição (SANKOFA/UESPI) e do Grupo de Pesquisa Vale do São José (Caetés/PE). E-mail: sebastiao.rocha@gmail.com

<sup>3</sup> Pós-doutora em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Doutora em História Social pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professora de História e Cultura Afro-brasileira da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE. Pesquisadora do Núcleo de Estudos Afro Brasileiros - NEAB/UFRPE. E-mail: emilia.vasconcelos@ufrpe.br

## **Morro da Conceição: Territory of (re)existence of black culture in the city of Recife**

### **Introdução**

O Morro da Conceição é um bairro localizado na periferia norte da cidade do Recife, muito conhecido em Pernambuco, por congregar uma das maiores romarias do Estado. Fiéis, devotos/as e turistas visitam o Morro durante todo ano para contemplar o monumento de Nossa Senhora da Conceição em cima do morro e também o seu santuário. Mas, é do final de novembro para o início do mês de dezembro que a movimentação do Morro se intensifica, pois é nesse período que ocorrem as festividades da Santa, com encerramento no dia 08 (oito) de dezembro Dia de Nossa Senhora da Conceição.

A história do Morro da Conceição, começa no início do séc. XX, quando em 1904 foi edificado no local, o monumento de Nossa Senhora da Conceição, pela passagem dos 50 (cinquenta) anos da Proclamação do Dogma da Imaculada Conceição, encomendado pela Igreja Católica/Diocese de Recife e Olinda. Nos anos seguintes foi construído uma capela em estilo gótico, que permanece no local até os dias atuais. De início não houve ocupação habitacional em massa, processo que aconteceu de forma gradual e se intensificou a partir da metade do séc. XX, motivado pela expulsão da população pobre das áreas centrais da cidade, que encontraram nos morros e alagados alternativas de moradias (ETAPAS, 1994; ROCHA, 2020; ROCHA, 2021).

O Morro da Conceição até a década de 1990 era uma comunidade que fazia parte do bairro Casa Amarela, um dos maiores a época. Foi desmembrando de Casa Amarela pelo Decreto municipal de nº 14.452/88 e da Lei 16.293/97, tornando-se uma comunidade independente politicamente em 1994 (ROCHA, 2021).

Que o universo religioso católico faz parte da essência do Morro da Conceição, isso é incontestável. No entanto, o Morro da Conceição carrega outras vivências e outras representações. E nesse sentido que esse texto, pretender contribuir com outros olhares sobre o Morro da Conceição, de forma mais específica pretende-se mostrar que o Morro é da Conceição, mas também da população negra e da cultura negra. A população do Morro da Conceição é composta por quase 70% de negros/as/es, de acordo com o último censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE, 2010). Essa população negra reza, faz promessas a Santa, mas também luta diariamente contra o racismo e toda sorte discriminação que sofrem o povo negro no pós-abolição da escravatura. Existem diversas práticas de resistências da população negra, nesse estudo privilegiamos a cultura negra, como

movimento de enfrentamento, de autoestima negra, de positivação do ser negro/negra, afinal fazer cultura é fazer política. Desse modo, pretende-se ainda visibilizar a cultura negra no Morro da Conceição, bem como lançar duas proposições, a primeira o Morro da Conceição é um quilombo cultural urbano, a segunda o Morro da Conceição é um território negro.

### **O Morro da Conceição como quilombo urbano**

O conceito de Quilombo é objeto de intenso debate na academia, principalmente porque o termo ganhou novos significados com o passar dos anos. Estudiosos frequentemente apresentam dois tipos de quilombos: “históricos” e “contemporâneos”, este último interessamos mais no sentido de auxiliar na compreensão do Morro da Conceição como um território negro. Apesar do último ser a categoria que pretendemos explorar, faz-se necessário voltar aos primeiros usos do termo no Brasil, para compreender seus usos no tempo presente, principalmente pelos movimentos sociais negros (ARRUTI, 2008).

De acordo com Arruti (2008), quilombo é uma categoria em disputa, logo defini-lo é uma questão problemática. Segundo o autor, quilombo contemporâneo seria uma construção conceitual, o que está em disputa “não é a existência destas formações sociais, nem mesmo das suas justas demandas, mas a maior ou menor largueza pela qual o conceito as abarcará, ou excluirá completamente. Está em jogo o quanto de realidade social o conceito será capaz de fazer reconhecer” (ARRUTI, 2008, p.316).

Uma segunda distinção apresentada é a que classifica os quilombos em rurais e urbanos. Os quilombos rurais, também classificados como de rompimento, geralmente ficavam distantes das cidades ou das fazendas e tentavam recriar o continente africano no Brasil. O mais conhecido deles foi o Quilombo dos Palmares, tendo como seu expoente máximo um dos seus líderes, Zumbi dos Palmares. O Quilombo dos Palmares ficava localizado onde atualmente se encontra o Parque Memorial Quilombo dos Palmares na Serra da Barriga, Estr. do Matadouro, nº 15025, União dos Palmares, Alagoas. Os Quilombos urbanos, por sua vez, ficavam nos arredores das cidades e eram locais de refúgio de escravizados que viviam clandestinamente misturados aos libertos e outros cativos (RATTS, 2006).

As primeiras referências ao uso da palavra quilombo no Brasil foram encontradas em documentação do final do século 17, onde quilombo foi definido “como agrupamentos a partir de dois ou três fugitivos” (GOMES, 2018, p.417). Segundo Flávio Gomes, “em 1740 o Conselho ultramarino estabelecia que quilombo era toda a habitação de negros fugidos que

passem de cinco, em parte despovoada, ainda que tenha ranchos levantados nem se acharem pilões sobre o chão” (Ibid., p.418). Apesar de existirem várias definições de quilombo, a maioria delas está relacionada à fuga de escravizados.

A noção de quilombo ainda perpassa um entendimento nos dias atuais, como espaço físico de negros fugitivos. Quando não associado a esse entendimento, está relacionado ao que se considera como “remanescentes de terras quilombolas”. Ademais, as “novas” proposições acerca do termo quilombo, que são classificadas como políticas e militantes, têm criado novos significantes ao termo. Segundo Arruti (2008), os novos sentidos do termo quilombo resultam em três chaves principais:

[1] A *resistência cultural*, tendo como tema central a persistência ou produção de uma cultura negra no Brasil. [2] A referência à África é substituída pela referência ao Estado ou às estruturas de dominação de classe e o quilombo (em especial Palmares) serve para pensar as formas potencialmente revolucionárias de resistência popular.[3] Operada pelo movimento negro que, somando a perspectiva cultural ou racial à perspectiva política, elege o quilombo como ícone da resistência negra (ARRUTI, 2008, p.318-320, grifos do autor).

As chaves de interpretação apontadas pelo autor, podem ser resumidas em dois pontos, que se observados, são elementos que fazem parte do discurso dos movimentos negros contemporâneo: cultura negra e quilombo. A ressemantização sofrida pelo termo quilombo ajuda-nos a entender a postura do movimento negro ao defender, no pós-emancipação, o termo como sinônimo de resistência.

Mulheres negras intelectuais como Beatriz Nascimento<sup>4</sup> e Lélia Gonzalez<sup>5</sup>, integrantes do Movimento Negro, compreendiam o quilombo para além da dimensão física, como “locus da resistência negra” (RATTS, 2006, p.53). Ao significar os quilombos como locais de resistência, a expressão ganha uma nova dimensão - a ideológica, como pode ser percebido na fala de Beatriz Nascimento:

---

<sup>4</sup> **Beatriz Nascimento** (1942-1995) – Graduada em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ (1971). Esteve à frente da criação do Grupo de Trabalho André Rebouças, em 1974, na Universidade Federal Fluminense - UFF. Seu trabalho mais conhecido e de maior circulação foi o filme *Ôri* (1989, 131 min). Dados biográfico de Beatriz Nascimento disponíveis em: < <http://antigo.acordacultura.org.br/herois/herois/mariabeatriz>> Acesso em: 18 dez. 2019.

<sup>5</sup> **Lélia Gonzalez** (1935-1994) – Graduada em História e Filosofia, fez mestrado em Comunicação, doutorado em Antropologia e foi uma militante constante da causa da mulher e do negro no Brasil. Professora de várias universidades e escolas importantes. Dedicou sua carreira acadêmica ao estudo das relações raciais no país, sendo a responsável pela introdução do debate sobre o racismo nas universidades brasileiras. Foi uma das fundadoras do Movimento Negro Unificado - MNU, participou da criação do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras - IPCN-RJ, do Nzinga Coletivo de Mulheres Negras - RJ e do Olodum. Dados biográfico de Lélia Gonzalez disponíveis em: <http://antigo.acordacultura.org.br/herois/herois/leliagonzalez> Acesso em: 18 dez. 2019.

Nesse momento [fim do séc. XIX], a utilização do termo quilombo passa a ter uma conotação basicamente ideológica, basicamente doutrinária, no sentido de agregação, no sentido de comunidade, no sentido de luta como se reconhecendo homem, como se reconhecendo pessoa que realmente deve lutar por melhores condições de vida (BEATRIZ NASCIMENTO, 1989, apud. RATTS, 2006, p. 53).

Ao adquirir conotação ideológica, a palavra quilombo passa a ser usada com novos propósitos, até porque os sentidos de comunidade e luta por melhores condições de vida também existiam nos quilombos do período colonial. A noção ideológica exclui a necessidade de lugar fixo, visto que os/as negros/as estavam dispersos/as e o fato de negros/as necessitarem lutar não foi/é algo novo. A abolição não produziu a inserção plena de libertos/as e seus descendentes na sociedade, então, a luta reatualizou-se. A noção ideológica tornou possível que a designação fosse ampliada, assim “favelas, escolas de samba, casas de culto afro-brasileiro e as próprias organizações dos movimentos negros” (RATTS, 2006, p.53) passaram a ser consideradas, sob essa ótica, como quilombos.

A palavra “remanescentes”, presente no art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias - ADCT<sup>6</sup> da Constituição Federal do Brasil de 1988, refere-se à demarcação das terras quilombolas e também merece atenção, por ser a denominação de um dos tipos de quilombo contemporâneo. O termo “remanescente” em relação a “quilombo” introduz um diferencial importante, pois não alude mais às reminiscências de antigos quilombos, mas, na prática, aos grupos que estejam se organizando politicamente para garantir direitos e, por isso, reivindicam tal denominação por parte do Estado (ARRUTI, 2008, p.327).

Ademais, a demarcação de terras quilombolas ter sido uma conquista e demanda da população negra atendida na Constituição de 1988, os procedimentos para a sua identificação somente foram regulamentados no ano de 2003 (BRASIL, 2003). A princípio a lei parece restringir-se somente aos agrupamentos do campo, no entanto, em 2004, tem-se notícias da certificação do primeiro Quilombo urbano no Brasil<sup>7</sup>, o Quilombo dos Silva, localizado em Porto Alegre, desde então outros receberam titulação ou estão em processo de reconhecimento.<sup>8</sup>

---

<sup>6</sup> Segundo o texto do artigo: “aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos” (BRASIL, 2016)

<sup>7</sup> Ver. O primeiro quilombo urbano reconhecido no Brasil. Um paradigma. Entrevista especial com Onir de Araújo. **Revista IHU On-line**. 2009. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/26430-o-primeiro-quilombo-urbano-reconhecido-no-brasil-um-paradigma-entrevista-especial-com-onir-de-araujo> Acesso em 17 dez. 19.

<sup>8</sup> Realizamos uma busca nos dados oficiais da Fundação Palmares e do INCRA para precisar o número de quilombos urbanos reconhecidos, mas os relatórios não fazem a distinção quanto a urbano e rural.

O Morro da Conceição, do ponto de vista legal, não é reconhecido como Quilombo urbano<sup>9</sup>. Ainda assim, tomado sobre um prisma ideológico e militante, o Morro da Conceição é um Quilombo urbano contemporâneo, principalmente a partir dos referenciais que apontam o deslocamento da noção de “quilombo”, que passa a significar “povo negro, sinônimo de comportamento do negro e esperança para uma melhor sociedade. Tudo, de atitude à associação, seria quilombo, desde que buscasse maior valorização da herança negra” (RATTS, 2006, p.124).

### **A multiplicidade cultural e a produção de um território negro no Morro da Conceição**

O fato de um determinado lugar possuir maioria de população negra não é elemento suficiente para caracterizar um espaço como território negro. Mas quando as organizações sociais, culturais e políticas passam a postular símbolos, identidade, memória coletiva negra e ações de enfrentamento ao racismo estabelecem microterritórios negros (BENEDITO, 2013, *apud*. NOGUEIRA, 2018).

Raquel Rolnik corrobora com esse entendimento e discorre sobre a existência de territórios negros nas cidades brasileiras. No seu texto, a autora afirma que os locais apontados por ela como “territórios negros jamais foram exclusivamente negros: desde os tempos da escravidão misturavam os pobres da cidade” (2007, p.83). A discussão empreendida pela autora contribui com nossa tese de que, na cidade do Recife, existem territórios negros, sendo o Morro da Conceição, um deles, não somente pela maioria de população negra, mas por agregar um conjunto de marcadores sociais e raciais, que permite identificá-lo como tal.

A partir das proposições de Raquel Rolnik, depreendemos que um bairro pode ser considerado um território negro, como pode ser composto por várias territorialidades negras. A autora cita, como exemplo, as escolas de sambas e os terreiros de religião de matriz africana e afro-brasileira. Este último na concepção da autora foi o primeiro território negro, “o pátio da senzala, símbolo de segregação e controle, transformou-se em terreiro, lugar de celebração das formas de ligação da comunidade” (ROLNIK, 2007, p.76).

O Morro da Conceição, além de apresentar uma expressiva composição racial negra, agrega uma série de manifestações e movimentos que nos leva a classificá-lo como território negro. Ademais, este estudo visa reforçar esse posicionamento ao analisar a cultura negra como forma de resistência no território do Morro.

---

<sup>9</sup> Na região metropolitana do Recife, só existe um quilombo urbano reconhecido, o Quilombo de Xambá, localizado na Comunidade Portão do Gelo, bairro São Benedito, Olinda - Pernambuco.

O Morro da Conceição ao longo de sua história tem gestado e apresenta-se como palco de diversas práticas e manifestações culturais. A seguir será apresentado trechos de um cordel de José Honório, que foi publicado no jornal *Negritude* (1987), por Ailton Gomes dos Prazeres, no qual são apresentadas algumas das manifestações da cultura negra.

O negro foi quem mais deu/ Danças à nossa nação/ Apesar de viver sempre/numa eterna escravidão/ ontem, corrente e chicote/ Hoje, discriminação. E saia pelas ruas / o Cortejo desfilando/ um rasgo de liberdade/ Por sobre a noite cantando/ Assim, o **Maracatu**/ Na época foi se formando. No início era um cortejo/ Ao **Afoxé** comparado/ Mas depois se transformou/ No Maracatu falado/ Entre todos o mais famoso/ Foi o Leão Coroado. Escravos no Cativoiro/ Treinavam por brincadeira/ Para fica ficarem forma/ na sua dança ligeira/ Era o jogo da Angola/ Origem na **capoeira. Coco-de-roda-praieiro**/ No solo pernambucano/ No cear diz presente/ E tem coco alagoano/ Mas também se "quebra-Coco"/ No brejo paraibano. "Mineiro-pau", "Bambelô" / E coco-de-embolada/ Frutos da mesma semente/ Pelo nordeste plantada/ Tem a raiz africana/ À força aqui fincada [sic] (PRAZERES, 1989, p. 4, grifos nossos).

Os trechos enfatizam manifestações com origens em elementos afro-brasileiros e africanos, como o Coco de roda<sup>10</sup>, Maracatu e o Afoxé<sup>11</sup>. Ailton Prazeres, um dos fundadores do Centro Maria da Conceição, morador do Morro da Conceição, utilizou o cordel para reforçar que, o Morro era guardião de manifestações negras. Segundo Ailton Prazeres vários cirandeiros<sup>12</sup> e coquistas moravam no Morro. Para o autor, havia também, na comunidade, a influência africana, sobretudo manifestado através do candomblé, maracatu, capoeira, gongo, cocô e na negritude. Valores que eram repassados na escola [do Morro] para as crianças, onde também eram ensinados também sobre religião e danças (PRAZERES, 1987).

O Maracatu, citado no cordel, é uma prática originalmente pernambucana e divide-se em dois tipos, o Maracatu de Baque Virado ou "Maracatu Nação", que é formado por um cortejo composto pela corte real, integrados por: "rei, rainha, príncipes, escravos, escravas, pajens, porta-estandarte, calunga (boneca que representa as entidades espirituais do candomblé,

---

<sup>10</sup> Coco de roda – é uma apresentação ligada à constituição das comunidades negras em Pernambuco e Alagoas, com forte influência indígena. A tradição possui inúmeras variantes: coco de umbigada, coco-de-embolada, coco-de-praia, coco de roda, entre outras. Disponível em: [http://www.palmares.gov.br/?page\\_id=34089](http://www.palmares.gov.br/?page_id=34089) Acesso em: 18 dez. 2019

<sup>11</sup> O Afoxé é uma expressão artístico-religiosa ligada às nações africanas. Geralmente, é conduzido por um Babalorixá ou Ialorixá, e suas sedes funcionam no interior dos terreiros de Candomblé. Em Pernambuco, o primeiro Afoxé foi o Ilê de África, nascido no Recife em fins dos anos 1970, como uma proposta de resistência social, política e cultural. Mas é em meados dos anos 1980, que vários militantes do Movimento Negro Unificado vão as ruas com o Afoxé *Alafin Oyó*. (CATÁLOGO...,2009).

<sup>12</sup> Cirandeiros são os participantes da ciranda, uma dança de roda tocada, cantada e dançada por homens e mulheres, preferencialmente adultos. Na década de 1950, era praticada desde o litoral norte de Pernambuco (Goiana, Igarassu e Paulista) até o fundo dos vales Capibaribe-mirim e Tracunhaém, aparecendo em Nazaré da Mata e Timbaúba (BENJAMIN, 1989, p. 120-122).



Na parte central do mapa, é possível visualizar o Santuário de Nossa Senhora da Conceição, o principal elemento de representatividade do Morro. Apesar de não ocuparem o centro da espacialidade do Morro, as práticas culturais negras também se constituem como signos que permeiam a construção identitária dos/as que ali residem.

Os pontos vermelhos no mapa marcam a localização aproximada de terreiros de culto de matriz africana e afro-brasileiros. Na contemporaneidade, o único terreiro de religião de Matriz africana do Morro da Conceição que é possível localizar, e continua em atividades é o Ilê Culto Africano Santa Bárbara, terreiro de Candomblé, sob a regência de Iansã. O Ilê Culto Africano Santa Bárbara foi fundado em 1977, está localizado na Rua da Conceição, nº129, no Morro da Conceição, tendo como líder Miriam Bezerra de Almeida. Esta casa de culto afro é a única que aparece na pesquisa realizada pelo projeto “mapeando o Axé”<sup>13</sup> de 2011. Para além, desses dados, estima que existiam um número bem maior de terreiros no bairro, como apontado em artigo publicado pelo jornal baiano *Majoria Falante* (1989), onde são mencionados a existência de dezenoves terreiros de Candomblé:

O Morro da Conceição é muito rico em atividades culturais, tem três escolas de samba, dois clubes recreativos, dois grupos de capoeira, várias duplas e coquistas (samba de roda), **19 pequenos terreiros de Candomblé**, um grupo de teatro, dois grupos de danças que fazem parte do Centro de Atividades (o Brincando e Dançando- das crianças e o Lua Negra Africana- de adultos); dois grupos de animação de festas; um grupo de jazz e um grupo de sanfoneiros (SANTOS, 1989, p. 9, grifos nosso).

Alguns motivos podem ser apontados como justificativas para o fechamento dos terreiros, como ausência de sucessão e pressão das igrejas Católica e evangélicas. Além de citar a presença dos terreiros, jornal aponta outras manifestações como clubes recreativos e grupos de capoeiras que não conseguimos mapear na nossa pesquisa, uma vez que a maioria dessas agremiações encerram suas atividades.

Destacamos alguns lugares do Morro da Conceição, com ocorrência de práticas culturais negras nos anos 1980/90, dentre eles, Maracatu Águia de Ouro (6), Escola de Samba Galeria do Ritmo (5) e Centro de Formação Maria da Conceição (2) que se mostram importantes na medida em que esses espaços cumprem uma função social.

O Maracatu Rural Águia de Ouro foi fundado em 07 (sete) de setembro de 1933, por Severino Lino Alves (SOUZA e OLIVEIRA, 2018), a agremiação reúne, entre suas integrantes,

---

<sup>13</sup> Mapeando o Axé: Pesquisa Socioeconômica e cultural das comunidades tradicionais de terreiros. Disponível em [https://www.mapeandoaxe.org.br/cd/paginas/terreiros\\_recife.htm](https://www.mapeandoaxe.org.br/cd/paginas/terreiros_recife.htm) Acesso em 20. dez. 2019.

moradores/as do Morro da Conceição e entorno. Na atualidade, o Maracatu não possui sede, mas, durante muito tempo, ficava localizado na rua Morro da Conceição. Na busca por informações sobre este maracatu, encontramos registros fotográficos da década de 1960 feitos pela antropóloga norte-americana Katarina Real em suas passagens pelos subúrbios da cidade do Recife.



*Fotografia do Maracatu Rural Águia de Ouro. Ano 1964. Acervo Katarina Real. Villa digital/FUNDAJ. Disponível em: <http://villadigital.fundaj.gov.br/index.php/base-da-villa-digital/iconografia/item/4198-maracatu-rural-aguia-de-ouro> Acesso em: 01 dez. 2019.*

A fotografia mostra integrantes do Maracatu Águia de Ouro em frente a sua sede no Morro da Conceição. Na imagem, é possível identificar o símbolo do Maracatu- uma águia, junto a outros elementos que compõem um Maracatu Rural: os caboclos de lança e surrões, a dama do passo e o estandarte. Além dos aspectos referentes ao Maracatu, é possível perceber que a maioria das pessoas presentes na foto é de composição racial negra. Em entrevista ao *Jornal dos Bairros* em 1979, Severino Lino comentou sobre a fundação do Águia Ouro:

Sete de setembro de 1933. 46 anos vai fazer. Era eu, meu irmão e mais dois. Fundamos essa brincadeira, era um meio de trabalho. Nos era sócio de outra agremiação, eu venho com o maracatu desde 1925. Tinha o Leão do Norte, esse maracatu foi fundado em 1920. Brinquei no Pavão Arreado. Lá eu levantei. Se eu for contar a história vai demorar tanto tempo...Maracatu é denominado uma coisa concreta, da África representando Rei, Rainha, Vassalo, Dama, tudo mais em fim. Tem as principais damas de passo, dama urgente. Dentro dessa denominação tem a parte indígena, porque nossa terra é do índio. Todo maracatu tem obrigação de cumprir preceito em Nossa Senhora do Rosário. Aquele que não tem devoção não está cumprindo. Acontece que a terra quanto mais civilizada mais ignorante. Eu um dia fui fazer uma visita no pé da Santa e um brigadeiro me botou pra trás "por que era civilizado..." Aquele que tem aquela tradição do maracatu tem que cumprir com os preceitos dela. Hoje a turma confunde maracatu como a pior brincadeira, mas, no entanto, a brincadeira do maracatu tem um caráter religioso [sic] (ALVES, 1979, p.5).

No depoimento além de falar sobre a fundação do Maracatu Águia de Ouro, Severino Lino Alves mostrava-se preocupado com a perda da tradição dos maracatus. Na concepção de Mestre Lino, o distanciamento dos grupos do aspecto religioso e o fato dos novos maracatus apresentarem o que classificou como ideia deturpada a respeito da manifestação, compromete se o que em sua visão, seria a pureza dos grupos. Em seus estudos sobre maracatus no Recife, Ivaldo Marciano de França Lima sobre os maracatus nação, observou que as bases para a tradição e pureza dos maracatus é definida a partir do seu vínculo com o religioso (LIMA, 2014).

As escolas de samba em todo o país possuem expressiva participação da população negra, além de se constituírem como espaços de luta antirracista, muitos dos sambas-enredos tratam das experiências da população negra. Apesar de possuir maior expressividade no eixo Rio-São Paulo, em Pernambuco, existe um histórico da participação dos Grêmios Recreativos Escola de Samba - GRES nas festas de carnaval. Dentre as escolas de samba com maior participação no carnaval do Recife, nas décadas de 1980/90, estão: GRES Gigantes do Samba<sup>14</sup>, GRES Estudantes de São José<sup>15</sup> e GRES Galeria do Ritmo.

O GRES Galeria do Ritmo<sup>16</sup> foi fundada em 15 de novembro de 1962 no Alto José do Pinho, mudando-se para o Morro da Conceição em fins da década de 1970, permanecendo no local até a atualidade. O primeiro samba-enredo da Galeria do Ritmo, do qual não sabemos o título, composto por José Emídio de Santana (CATÁLOGO...,2009) foi dedicado ao artista, compositor e violonista negro Ataulfo Alves e suas pastoras.

Não foi possível localizar a lista completa dos sambas-enredo criados pela Galeria do Ritmo para seus desfiles, entretanto, inteiramo-nos que a escola retratou o Morro da Conceição, como em *“Tudo o que o morro tem”* e *“Os costumes ao Morro”*. E temáticas afro-brasileiras e africanas como em *“Tributos aos Orixás”* de 1979 (PAI...,1979), ocasião em que também homenageou o poeta negro Solano Trindade (QUEIROZ, 2010). A Galeria do Ritmo possui 18 títulos de campeã e 25 vice-campeonatos. Se até 1980, as Escolas Gigantes do Samba e

---

<sup>14</sup> A Escola Gigantes do Samba do bairro de Água Fria é uma das mais antigas agremiações carnavalescas da capital pernambucana, recebeu esse nome em 1941, antes era chamada de “Garotos do Céu”. Desde os anos de 1950, figura entre as primeiras posições na disputa do título de campeã do Carnaval recifense (SILVA, 2011, p. 597)

<sup>15</sup> A Escola de Samba Estudantes de São José foi fundada em 1949, no bairro de São José, Recife, por um grupo de rapazes, que decidiram criar a agremiação para sair no Carnaval (SILVA, 2011, p. 603).

<sup>16</sup> O símbolo da Galeria do Ritmo é uma lira, que representa a musicalidade da escola, além da Águia que homenageia a escola de samba Portela. Suas cores oficiais são o azul e o branco em devoção a Nossa Senhora da Conceição.

Estudantes de São José eram as principais rivais na competição, a partir dos anos 1980, a Galeria do Ritmo (LIMA, 2010) passou a figurar entre as campeãs.

As primeiras escolas de samba criadas no Brasil foram de fundamental importância para a mudança na percepção que se tinha dos negros na sociedade. Associados à vadiagem e até mesmo à criminalidade, ao ingressar nas escolas de samba, o negro passou a ser visto como um sujeito social. Ademais, as escolas de samba são espaços de sociabilidades, extrapolam a noção de lazer (BARBOSA, 2018). Ao demandarem ações reivindicatórias para a população negra, as escolas de samba podem ser entendidas dentro da perspectiva dos movimentos negros.

Ainda que aborde uma realidade diferente e um recorte temporal anterior a existência da Galeria do Ritmo, o estudo de Barbosa (2018) reforça que as escolas de samba são espaços de associativismo negro, de agência negra e de luta antirracista. Logo, escolas de sambas, como a Galeria do Ritmo, mostram que a produção de territórios negros acontece de formas diversas e em diferentes lugares.

Para finalizar esse exercício de pensar territorialidades negras no Morro da Conceição, apresentamos o Centro de Formação Maria da Conceição - CFMC. A escola Maria da Conceição, como era chamada quando foi criada em 1982, tinha sua sede situada na rua 02 (dois) de fevereiro<sup>17</sup>, nº 46, na casa que pertenceu Dona Conceição dos Prazeres, mulher negra, conselheira e benzedeira, que possui realização de solidariedade com toda a comunidade do Morro da Conceição. Foi como forma de homenagem, que a escola recebeu seu nome. A escola chama a atenção por conta do papel desempenhado no cotidiano dos moradores.

A Escola Maria da Conceição, foi uma instituição social que tinha como um dos princípios educar partindo das experiências sociais, do cotidiano dos alunos, como forma de transformação social. Para tanto, as atividades da escola eram vivenciadas na prática e pautadas nos saberes ancestrais e da cultura negra.

As/os fundadoras/es da Escola Maria da Conceição- EMC, na sua maioria, eram pertencentes à família dos Prazeres. A instituição de ensino foi criada com a proposta de atender crianças, principalmente filhos/as de “mães solteiras”, que, à época, não tinham com quem deixá-las enquanto estavam no trabalho. A Escola foi pioneira no estado de Pernambuco ao trabalhar a educação, abordando a história do negro, das relações raciais e das práticas culturais negras, em um período em que ainda não existiam diretrizes para a educação das relações étnico racial.

---

<sup>17</sup> Pelo mapa da p. 27, é possível visualizar que a rua 02 de fevereiro na reconfiguração dos bairros da cidade do Recife na década 1990, deixou de pertencer ao Morro da Conceição e passou a compõem o bairro Vasco da Gama.

Com o aumento da demanda pelas atividades ali realizadas, o Centro Maria da Conceição criou o Espaço Cultural Raízes de Quilombo (em 1988), localizado em cima do Morro, na Rua da Conceição nº 100. No espaço foram concentradas todas as atividades culturais, além de ter sido considerado o *point* da negritude no Morro da Conceição nas últimas décadas do século XX. Filha de Dona Conceição [mãe/matriarca], também com o nome igual ao da mãe a produtora cultural Conceição dos Prazeres [filha], uma das fundadoras do CFMC, se tornou a diretora do departamento de Cultura, como também fundou um dos mais longevos e expressivos blocos afro de Pernambuco, o Raízes de Quilombo<sup>18</sup>.

O objetivo inicial da Escola Maria da Conceição era atender crianças, mas, aumentou a procura pelos serviços oferecidos, bem como existiam a demandas para outro tipo de públicos, desse modo, a oferta dos serviços para atender também jovens e adolescentes, e mais frente também aos adultos. No ano de 1992 a Escola comunitária do Morro, passou por uma reestruturação, momento em passou a denominada de Centro de Formação do Educador Popular Maria da Conceição (1994). Com a mudança, o Centro foi dividido em departamentos, de acordo com os serviços oferecidos, a saber: Formação, Cultura, Profissionalização e Documentação:

Departamento de Formação, como escola de 1º grau, cursos de formação para educadores e lideranças comunitárias. Departamento de Cultura, com o Balé Brincando e Dançando (infantil), Balé Lua Negra (de mulheres) e **Banda Raízes de Quilombo**. Departamento de Profissionalização: cursos de serigrafia, corte e costura e de construção de instrumentos de percussão. Departamento de Documentação: biblioteca, videoteca e banco de Dados. (DEZ..., 1992, p.3, grifos nossos).

Como pode ser atuação do Centro Maria da Conceição é ampla e oferecia uma variedade de atividades para a comunidade do Morro da Conceição e seu entorno. O CFMC e o Espaço Raízes de Quilombo foram responsáveis pela formação de várias gerações de artistas, notadamente, de artistas negros/as, e contribuiu para o fortalecimento do ritmo samba-reggae na cidade do Recife. O Centro de Formação Maria da Conceição encerrou suas atividades no ano de 2010, mas seus frutos podem ser visualizados, principalmente, no trabalho do bloco afro Raízes de Quilombo e também na projeção de artistas como Lucas dos Prazeres<sup>19</sup>.

---

<sup>18</sup> Para mais informações sobre o Raízes de Quilombo, ver dissertação de Rocha, 2021.

<sup>19</sup> **Lucas dos Prazeres** - Percussionista, bailarino, vocalista e compositor. Nasceu no Morro da Conceição, Recife. Kursou ensino fundamental na Escola Maria da Conceição. Com três anos, realizou sua primeira apresentação em público com o Grupo de Dança da Escola Maria da Conceição e com a banda Raízes de Quilombo na abertura do VII Encontro de negros e Negras do Norte-Nordeste, promovido pelo MNU-PE e pela Escola Maria da Conceição, que aconteceu em Recife. Em 1999, com 14 anos realizou sua primeira viagem internacional ao lado de artistas

A partir dos locais identificados no mapa e levando em consideração o perfil populacional do Morro da Conceição e as lutas sociais ali travadas, temos indícios de que seu entorno abrigava estabelecimentos comerciais e moradias de trabalhadores, pessoas pobres e negras. Essas instituições, decerto, motivavam o fluxo dos habitantes, em parte por conta das atividades recreativas/festivas, mas também corroboravam para a criação de redes de relacionamento e de vizinhança e de suas identidades raciais.

### **Considerações finais**

Afirmar que o Morro da Conceição de Recife é um território negro é entender que para além do universo Católico que permeia a atmosfera do bairro, existe uma lógica local cotidiana que não se resume à presença do Santuário de Nossa Senhora da Conceição. Existe ali, diversas dinâmicas quotidianas, modos de fazer, de viver, diferentes formas de organização, aspirações e dificuldades enfrentadas pelos/as moradores/as. Elementos como a segregação sócio-racial tão evidente na cidade do Recife e atuação de movimentos sociais como o “Terras de Ninguém” (ROCHA, 2020) corroboram no entendimento de que o Morro da Conceição é um espaço negro.

Morro é da Conceição, mas também é da população negra que ali reside, que tem suas práticas invisibilidade no dia a dia, quer pela ausência do poder público que falha em prover políticas de incentivo, de promoção e da continuidade dos grupos de cultura, quer pelo racismo que criminalizou e demonizou as práticas culturais da população negra ao longo da história.

Para quem não é da região, ou da cidade do Recife, a cultura negra não está de forma visível no Morro da Conceição, como em outros lugares da cidade. Não queremos dizer com isso que em outros lugares a cultura negra seja amplamente divulgada, mas que nesse outros é possível ver, mesmo de que forma mínima. Tanto que a grande maioria das pessoas que se dirigem ao Morro não é em busca de cultura negra. E o que isso significa? Que as práticas culturais negras continuam sendo invisibilizadas. Mas, a cultura negra está lá, resistindo quotidianamente, transformando a vida de inúmeras pessoas, através de grupos e movimentos com os que aqui foram citados.

Por enfim, não restam dúvidas, o Morro da Conceição é um território negro em todos os seus aspectos. O Morro da Conceição palco de intensa movimentação artística, desde o coco a escola de samba, de movimentos sociais, muitos deles que lutaram por melhores condições de

---

como Alceu Valença, SpokFrevo Orquestra, Elba Ramalho, André Rios e Naná Vasconcelos, percorreu vários países da Europa. Foi diretor de musicalidade do bloco afro Raízes de Quilombo.

vida para a população que sofre com ausência de serviços básicos a sobrevivência humana. É um bairro, como muitos outros, de povo negro, que continua na luta pela cidadania plena para negros e negras no Brasil.

## Referencias

### FONTES

ALVES, Severino Lino. Severino Lino Alves: depoimento. [1979], Recife. Entrevista concedida ao Jornal dos Bairros. *Jornal dos Bairros*. p.5, Ano 1 – n.6, Recife, janeiro de 1979. Acervo: Repositório digital Centro de Documentação e Pesquisa Vergueiro – CPV. Disponível em: <http://www.cpvsp.org.br/> Acesso em: 01 dez. 2019

BRASIL. **Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003**. Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/2003/D4887.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/D4887.htm) Acesso em: 17 dez. 2019.

CATÁLOGO de Agremiações Carnavalesca do Recife e Regiões Metropolitanas - Associação dos Maracatus de Baque Solto de Pernambuco e Prefeitura da Cidade do Recife, ed. CEPE: 2009. Disponível no Centro de Pesquisa Paço do Frevo.

CENSO Demográfico, 2010. Resultados do universo: características da população e domicílios. Disponível em <http://www.ibge.gov.br> Acesso em: 01 dez. 2019.

DEZ anos do Centro Maria da Conceição, *Djumbay*. nº2 abril/maio/92 Acervo: LAHOI/UFPE. Fotografia do Maracatu Rural Águia de Ouro. Acervo Katarina Real. Villa digital/FUNDAJ. Disponível em: <http://villadigital.fundaj.gov.br/index.php/base-da-villa-digital/iconografia/item/4198-maracatu-rural-aguia-de-ouro> Acesso em: 01 dez. 2019.

MANIFESTAÇÕES culturais negras. Disponível em: [http://www.palmares.gov.br/?page\\_id=34089](http://www.palmares.gov.br/?page_id=34089) Acesso em: 18 dez. 2019

PAI Velho conta a História do Morro da Conceição. *Jornal dos Bairros*. p.5, Ano 1 – n.6, Recife, janeiro de 1979. Acervo: Repositório digital Centro de Documentação e Pesquisa Vergueiro – CPV. Disponível em <http://www.cpvsp.org.br/> Acesso em: 01 dez. 2019

PRAZERES, Ailton. No Morro da Conceição a resistência é forte. *Jornal Negritude*. Ano 2, n.3 p.4, mai/jun/jul de 1987. Acervo: LAHOI/UFPE.

RECIFE (PE). **Lei nº 16.293 de 03 de fevereiro de 1997**, dispõe sobre as Regiões Político-Administrativas do Município do Recife. Publicada no D.O.M. do dia 04.02.97. Disponível em: <<https://www.recife.pe.gov.br> > leis> Acesso em: 04 dez. 2019

SANTOS, Beth Silva. Comunidade Unida. *Maioria Falante*, Rio de Janeiro, p. 9, fev./mar, 1989. Acervo: Coleção Movimentos Negros do Rio de Janeiro, Arquivo de Cultura Contemporânea. Disponível em: [http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=arq\\_cultura&pesq&pagfis=26422](http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=arq_cultura&pesq&pagfis=26422) Acesso em: 26 jun. 2021.

SOUZA, Alice de; OLIVEIRA, Wagner. O maracatu e suas cores que. *Diário de Pernambuco* [online], Recife (PE) 2018. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2018/01/as-pessoas-por-tras-das-cores-do-carnaval-pernambucano.html> Acesso em: 20 dez. 2019.

## BIBLIOGRÁFICAS

- ARRUTI, José Maurício. Quilombos. In: PINHO, Osmundo; SANSONE, Livio (org.). **Raça: Perspectivas Antropológicas**. Salvador: EDUFBA, 2008. Disponível em: <[https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/8749/1/\\_RAC%CC%A7A\\_2ed\\_RI.pdf](https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/8749/1/_RAC%CC%A7A_2ed_RI.pdf)> Acesso em: 23 jan. 2020.
- BARBOSA, Alessandra Tavares de Souza Pessanha. **A escola de samba “tira o negro do local da informalidade”**: agências e associativismos negros a partir da trajetória de Mano Eloy (1930-1940). 2018. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2018. Disponível em: <https://tede.ufrj.br/jspui/handle/jspui/5393> Acesso em 23 jan. 2020.
- GOMES, Flávio. Roceiros e mocambeiros no Brasil escravista e da pós-emancipação: paisagens e percursos, pp. 417-424. In: **Histórias Afro-Atlânticas**: [Vol. 2] Antologia. (Orgs.) Adriano Pedrosa; Amanda Carneiro e André Mesquita. São Paulo: MASP, 2018
- LIMA, Ivaldo Marciano de França. **Entre Pernambuco e a África**: História dos maracatus-nação do Recife e a espetacularização da cultura popular (1960 - 2000). 2010. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010. Disponível em: <<https://www.historia.uff.br/stricto/td/1250.pdf>> Acesso em: 26 jun. 2021.
- LIMA, Ivaldo Marciano de França. As nações de maracatu e os grupos percussivos: as fronteiras identitárias. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 49, p. 71-104, jan/jun. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/afro/n49/03.pdf>> Acesso em: 23 jan. 2020.
- NOGUEIRA, Azânia Mahin Romão. A construção conceitual e espacial dos territórios negros no Brasil. **Revista de Geografia**, Recife, v. 35, ed. 1, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistageografia/article/view/234423>> Acesso em: 13 dez. 2019.
- O MORRO fazendo História**. Recife: ETAPAS, 1994.
- QUEIROZ, Martha Rosa Figueira. **Onde cultura é política**: movimento negro, afoxés e maracatus no carnaval do Recife (1979 - 1995). 2010. Tese (Doutorado em História) Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de Brasília. Brasília, 2010.
- RATTS, Alex. **Eu sou Atlântica**, sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Instituto Kuanza; Imprensa Oficial, 2006.
- ROCHA, Sebastião Alves da. **Movimento Raízes de Quilombo** : história, cultura e resistência negra no Morro da Conceição. 2021. 145 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife. Disponível em: <http://www.tede2.ufrpe.br:8080/tede2/handle/tede2/861> Acesso em 01 jun. 2022.
- ROCHA, Sebastião Alves da. Movimento “Terras De Ninguém”: Conflitos e a Luta Pela Posse de Terra Urbana - Casa Amarela, Recife – PE. In: JUNIOR, Antônio Gasparetto; DUTRA, Ana Paula (org.). **História [recurso eletrônico]**: espaço fecundo para diálogos 3. Ponta Grossa: Atena, 2020. p. 295-307. Disponível em: <https://www.atenaeditora.com.br/post-artigo/29630>. Acesso em: 16 fev. 2022.
- ROLNIK, Raquel. Territórios Negros nas Cidades Brasileiras: etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro. In: SANTOS, Renato Emerson dos (org.). **Diversidade, espaço e relações étnico-raciais**: o negro na geografia do Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- SILVA, Ana Claudia Cruz da. Segregação espacial e produção de territórios negros por blocos afro em Ilhéus, Bahia. **Ponto Urbe [online]**, 2009, Disponível em: <<http://journals.openedition.org/pontourbe/1475>>. Acesso em: 20 abr. 2019.

Recebido em: 08 de agosto de 2022  
Aprovado em: 05 de janeiro 2023